

## AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO DE GÊNERO E SEXUALIDADE PARA A GEOGRAFIA

Murilo Alex Rosa <sup>1</sup>  
Marilene Dantas Cruz Marinho <sup>2</sup>  
Janãine Daniela Pimentel Lino Carneiro <sup>3</sup>

### RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo refletir acerca das contribuições dos estudos de Gênero e sexualidade para a Geografia, pois é de suma importância discutir essas temáticas na geografia, isso, deve-se ao fato dessa ciência abordar os fenômenos sociais, voltada aos direitos iguais, tendo como essência as lutas de classes em prol da emancipação humana. Além do mais, a Geografia enquanto ciência nos coloca a interpretar a sociedade formada e produzida por homens e mulheres, é por essa razão que a mesma lida o conceito de gênero, sexualidade, preconceito, discriminação e homofobia e como essas práticas são atribuídas aos (as) indivíduos (as). A metodologia da pesquisa se deu a partir do levantamento bibliográfico, por meio das leituras de textos relacionados ao tema. A partir das leituras e interpretações foi possível entender as diferentes formas de preconceito estabelecidas no espaço, sobre tudo no espaço educativo, sendo ele, colocado como o lugar das diferenças.

**Palavras-chave:** Gênero, Sexualidade, Homofobia, Geografia, Espaço Educativo.

### INTRODUÇÃO

Pesquisar as temáticas de Gênero e sexualidade é algo complexo, mas é importante para o estudo da Geografia. Ao pensar a sociedade na perspectiva de Gênero, identificamos que esta não é uma temática simples, mas que perpassa pelas nossas vidas ao rotular e segregar os (as) indivíduos (as), o que causa sofrimentos.

A sociedade estabelece uma identidade de Gênero para cada sujeito (a), basta que saibamos que o Gênero é construído socialmente e, que esta construção acaba por fomentar as desigualdades. Dentre essas diferenças, a homosociabilidade tem sido alvo deste sistema que exclui e menospreza tudo aquilo que foge das normas da heteronormatividade. E para ter clareza disso Welzer-Lang (2001), afirma que, a construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia explícita perfeitamente essa subordinação dos (as) homossexuais, bissexuais e a transexuais. Essa submissão e discriminação ocorrem pelo fato de não apresentarem uma

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás Regional Catalão – UFG/RC, alex\_anhg@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás Regional Catalão – UFG/RC, marilenedantascruzmarinho@gmail.com

<sup>3</sup> Professora Orientadora: Licenciada em Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão - UFG/RC; Mestre pela Universidade Federal de Goiás Regional Catalão – UFG/RC e Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA/UFG). E-mail: janainelino2017@gmail.com

virilidade satisfatória, o que justifica que a sociedade é voltada para o masculino a ponto de segregar os (as) indivíduos (as), classificando-os entre normais, anormais e estranhos.

Para entender a problemática da sexualidade devemos perpassar pela temática de Gênero uma vez que ambas caminham juntas. De acordo com Louro (1997) desde os anos de 1960, o debate sobre as identidades, as práticas sexuais e de Gênero vem se tornando cada vez mais acalorados, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e, sustentado também, por todos aqueles (as) que se sentem ameaçados (as) pelo patriarcado e pela heteronormatividade.

O artigo em questão, é um desdobramento da pesquisa de conclusão de curso realizada no âmbito da Licenciatura Plena em Geografia, naquele momento a pesquisa apresentou diferentes objetivos e caminhos metodológicos dentre eles: pesquisa teórica e pesquisa a campo. Com a pesquisa desenvolvida, conclui-se que o preconceito se faz presente em todos os lugares. Diante disso, a pesquisa teve como foco analisar as práticas homofóbicas nos espaços educativos, mais especificadamente na Universidade Federal de Goiás. Também, avaliou as relações interpessoais e como são aplicadas em seu interior, além, observou as desigualdades centralizada nas relações de poder, no qual são essas que sustentam a chamada lei do patriarcado, sobretudo, detectou os enfrentamentos e dificuldades dos homossexuais no decorrer da graduação.

O interesse pela realização da pesquisa a cima mencionada, surgiu a partir de leituras realizadas no Grupo de estudos Interdisciplinares em Gênero, Cultura e Trabalho (Dialogus/UFG/CNPq), de conversas com alguns e algumas estudantes homossexuais, de diálogos com profissionais da educação e também por olhar nosso cotidiano, ou seja, na realidade vivenciada. A Geografia enquanto ciência nos coloca a interpretar a sociedade no sentido da heterossexualidade colocar a mulher, e todas outras identidades de Gênero e orientações sexuais, incapazes e inferiores.

Nesse sentido, traz-se para esse artigo uma reflexão acerca das contribuições do estudo de gênero e sexualidade para a Geografia.

## **METODOLOGIA**

As reflexões aqui apresentadas foram elaboradas a partir da revisão teórica, ou seja, por meio de leituras com o tema da pesquisa, sendo: gênero e sexualidade destacados por duas autoras como Louro (1997) e Butler (2008); sobre homofobia, Welzer-Lang (2001) e entre outros (as).

Diante dessas considerações, com esse artigo, espera-se interpretar a importância do estudo de gênero e sexualidade para a Ciência Geográfica, sobretudo entender como a Geografia está comprometida com as questões de gênero, do combate a homofobia e também da promoção da igualdade social.

## GÊNERO E CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Escrever sobre as contribuições dos estudos de Gênero e sexualidade para a compreensão da Geografia constitui-se num objetivo audacioso e transgressor que representa quebra de paradigmas e enfrentamento de preconceitos presentes na sociedade como um todo, e que, em muitos casos, se reproduz no âmbito acadêmico. Parafraseando Silva (2008), trabalhar com conceitos sobre homofobia e preconceito nas ciências humanas e sociais é, ao mesmo tempo, assumir um comprometimento político com a transformação do mundo e assumir uma postura teórico-metodológica empenhada com o desvendamento de categorias e conceitos supostamente neutros e, portanto, significa posicionar-se abertamente contra essas ações de exclusões e discriminações contra os (as) homossexuais. A esse respeito, Louro, (1997), assegura que:

[...] Mais uma observação a ser feita: algumas estudiosas (como Judith Butler) vêm sugerindo que usualmente pensamos e trabalhamos sobre gênero “numa matriz heterossexual”. Contudo, Butler (apud Mac Na Ghail, 1996, p. 198) diz que... É crucial manter uma conexão não casual e não redutiva entre gênero e sexualidade. (LOURO, 1997, p. 28-29).

A Geografia aborda os fenômenos sociais. Moreira (1988) afirma que é uma ciência voltada aos direitos iguais, tendo como essência as lutas de classes em prol da emancipação humana. Acredita-se que a sociedade humana se estrutura de forma desigual, repleta de normas sociais e regras a serem seguidas, construídas histórica e socialmente. Todas as pessoas que não se encaixam no padrão heteronormativo são criticados (as), excluídos (as) e menosprezados (as). E a Geografia como ciência foi construída e pensada para analisar os fenômenos naturais e sociais. No que tange a sociedade, ela nos emancipa e nos prepara para romper com essa divisão e subordinação heteronormativa a determinados indivíduos buscando os direitos iguais para todos (as).

A Geografia pode servir para tornar os homens cidadãos esclarecidos (Moreira, 1988). Enquanto ciência, a mesma tem o poder de formar cidadãos e cidadãs críticos (as), além de partir do empírico fazendo-se necessário as experiências de vida de cada indivíduo. Também

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

é uma ciência pautada em teoria, ao estudar e oferecer subsídios para a compreensão do espaço e tudo o que está contido nele, levando em conta a historicidade. Assim:

A Geografia e a História são, portanto saberes separados. A história é o registro dos acontecimentos na sua sucessão temporal; a Geografia é este registro em sua contemporaneidade (o que acontece na época presente). Espacial. Assim embora distintas Geografia e História encontram-se. A história é uma Geografia contínua. E a Geografia é um corte na História (MOREIRA, 1988, p. 24).

A Geografia e a História nascem de um mesmo processo, o da localização de fenômenos (MOREIRA, 1988). O tempo é a história no espaço e o espaço é a Geografia no tempo, esse jogo de palavras é fantástico.

Moreira (1988) brinca com essas concepções contribuindo para que possamos entender, com mais clareza, que os fenômenos sociais que se estabelecem no espaço, regem Geografia e História, mesmo constituindo saberes separados, andam juntas. A Geografia é uma ciência que pesquisa o espaço constituído pelo trabalho das sociedades humanas, vivendo diferentes tempos, considerando o espaço como resultado do movimento de uma sociedade nas relações que estabelecem com a natureza.

Esta ciência permite aos (as) indivíduos (as) compreender o espaço geográfico, e ampliar a sua visão de mundo. O espaço é o objeto de estudo da Geografia e compreender tudo que está inserido nele é papel da Geografia, bem como, as relações sociais e ambientais, logo, a relação homem-meio. A relação tempo-espaço é a materialidade central da dialética socioespacial.

Discutir Gênero e sexualidade é de grande complexidade, pois se refere ao ser humano que possui diferentes personalidades e experiências de vida. Entender e compreender essas relações no espaço, parte do pressuposto de que o Gênero propriamente dito é algo construído socialmente que serve para separar os (as) indivíduos (as), exacerbando as desigualdades entre os (as) mesmos (as). A verdade é que para descrever os espaços dos (as) homossexuais, por exemplo, é algo audacioso, pois as leis impostas pelo patriarcado não nos permitem ter um olhar amplo sobre a realidade de vida deles (as), embora sucumbe toda essência e vivência dos mesmos (as) no espaço, tornando-os (as) estranhos (as), anormais e diferentes.

Isso se deve ao fato de que os padrões que regem a sociedade ocidental contemporânea estarem a favor do homem branco, rico e heterossexual, deixando oculto todos os valores dos (as) indivíduos (as) que não se encaixam nesse perfil capitalista, no qual

estabelecem regras e rotulam pessoas segregando-os (as) e condicionando a ter práticas de violências e desigualdades. A sociedade atual é estigmatizada por uma hegemonia que estabelece uma hierarquização sobre os (as) indivíduos (as). Na sociedade capitalista, a burguesia detém a hegemonia mediante a produção de uma ideologia (que são ideias ligadas à manutenção dos valores morais e sociais da sociedade) que apresenta a ordem social vigente e sua forma de governo em particular, a democracia. Souza (2013), em sua obra *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial dialoga com Santos (1978)*, destacando em seu livro, *Por uma Geografia nova*, onde diz que

“O espaço é a matéria trabalhada por excelência [...] uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos. Quando se fala em espaço, fala-se também dos processos sociais, culturais e ambientais que nele se desenvolve e quando se discute sobre a categoria espaço devem-se fazer ênfase ao território (SOUZA, 2013).

Para Souza (2013), definir o espaço ou até mesmo o território é uma missão árdua e audaciosa, pois cada categoria possui diversas concepções e que não são fixas e eternas, pois são mutáveis podendo assim sofrer mudanças. Entende-se que quando se fala em território estamos falando em relações de poder, compreendem-se como território as delimitações do espaço por cada classe social que é dividida por grupos.

Um grupo de mulheres negras, homossexuais, prostitutas, entre outros, se apropriam do espaço, constroem seu território, transformam aquele lugar ou até mesmo aquele espaço, em um local de relações e articulações de sua vida cotidiana. Transformando o mesmo em seu hábitat ou seu local de experiências particulares. A partir disso, nesse território, surge a ideia de que “eu mando”, “eu posso” e “eu ordeno”.

Saquet, (2010), diz que o território é contido de diversidades e precisa ser entendido como o lugar das diferenças, o lugar das relações sociais e, por ser assim, estabelece a chamada relação de poder. Essas relações são compreendidas como (i)materialidade, isso pelo fato de lidar com o sentimento, com o emocional entre outros fatores, sendo assim. O autor assegura que

A abordagem territorial é uma das formas para compreender os processos, redes, rearranjos, heterogeneidade, contradições, os tempos e territórios de maneira a contemplar a (i) materialidade da vida. Saquet (2010) faz uma colocação dizendo que os territórios são únicos, mas ao mesmo tempo interligados, existe uma conexão podendo suceder-se no tempo mais são simultâneos, espaço e tempo que se encontram num movimento dialético, ou seja, ambos com concepções diferentes mais que dependem um do outro para entender as relações postas (SAQUET, 2010, p.161).

Saquet (2010) diz que é necessário compreender o território através dos processos desenvolvidos no mesmo, levando em consideração as historicidades, pois é algo construído histórica e socialmente, embora sejam quesitos que definem o território: características econômicas, políticas e culturais. O autor diz que território é muito além de chão, de limites, de obras, formas espaciais, relações sociais de diversidade, que as próprias articulações são determinantes de uma realidade concreta colocando em pauta sempre a (i)materialidade, que é: incorpóreo, impalpável e está ligada a relação com o ser, a convivência com o (a) indivíduo (a), fazendo-se necessário a experiência de vida.

Quando discutimos sobre Gênero, estamos, automaticamente, falando das identidades sociais, no qual os mesmos são, termos construídos socialmente para separar os indivíduos, daí então a construção do território (i)material, do campo de forças. Conforme Souza (2013) destaca, tem por essência a construção de um poder abstrato onde serve para defender o “seu meio”, o “seu lugar” o “seu espaço”, enfim, o “seu território”.

Então, compreende-se que o espaço em que vivemos é dividido por classes sociais. Quando lidamos com espaço dividido, estamos nos referindo ao território que é parte desse espaço delimitado por relações de “poder”. É importante deixar explícito que espaço e território estão juntos, mas ambos com conceitos e percepções diferentes. Souza (2013) diz que ambos estão num movimento dialético.

Assim como Ruy Moreira (1988), Doreen Massey (2008) em sua obra Pelo Espaço, publicada em 2008, deixa evidente que espaço e tempo são dependentes um do outro, para entender o espaço e os processos precisa-se das historicidades, e a história tem por essência compreender e entender a vida humana. Desde eras remotas, a mesma faz ênfase às relações sociais que se concretizam no espaço.

Massey (2008), com outras palavras, diz que é o espaço que permite a construção das identidades, é onde ocorrem as interligações, de modo que não pode ser algo estagnado, pois as mesmas são flexíveis e sofrem mudanças no decorrer do tempo. Nesse sentido, a autora mostra como o espaço está associado ao tempo. A obra tem a preocupação sobre a maneira de como entendemos o espaço. Para isso Massey (2008) afirma que

No entanto, a discussão pode ser revertida. O argumento, na forma já referida, implica que o espaço, que acaba de ser definido, via uma conexão conotacional com a representação, tem de ser, da mesma maneira, impossível? Em vez disso, não significaria que o próprio espaço (a dimensão de uma multiplicidade discreta) pode, precisamente, não ser um recorte estático através do tempo? Como esse tipo de espaço seria, sem dúvida, impossível ter

a história como devir. Em outras palavras, o tempo não apenas não pode ser fragmentado (transformando-se de um contínuo em uma multiplicidade discreta), como mesmo argumento de que isso não é possível não deveria se referir ao resultado como espaço. A passagem aqui, de espacialização como uma atividade, para espaço como dimensão, é crucial. A representação é vista tomando aspectos de espacialização, na ação desta última de colocar as coisas lado a lado, de dispô-las como uma simultaneidade discreta. Mas a representação é também compreendida, neste argumento, como que fixando as coisas, tirando o tempo de dentro delas. Assim, a equiparação entre espacialização e produção “de espaço” empresta ao espaço não apenas o aspecto de uma multiplicidade discreta, mas também a característica de estase (MASSEY, 2008, p. 47).

Massey (2008) deixa explícito que as relações identitárias originam um resultado espacial, ou seja, como nos colocamos e nos apresentamos dentro do mesmo, isso parte da identificação do (a) indivíduo (a) dentro das diferentes espacialidades do espaço. Seu conceito alternativo é um desafio a compreender as questões políticas a partir do reconhecimento das práticas relacionais. E de acordo com a autora, o tempo está inserido neste contexto, pois há um trabalho, um progresso que é construído a partir do campo político e das relações sociais dos seres. O espaço é, portanto, uma simultaneidade dinâmica, constantemente alterada pela interrelacionalidade, pela permanente espera da construção de novas relações.

Quando se fala em relações de Gênero é necessário relacioná-lo com o estudo de Geografia, pois Silva (2014) demonstra indignação ao ser questionada acerca da relevância dos estudos de Gênero na Geografia. Assim, a autora coloca três quesitos para se repensar esse contexto.

Primeiramente, por observar que impera um discurso científico, reconhece a existência apenas uma maneira de pensar a Geografia, descartando todas as outras formas de pensar geograficamente; em segundo lugar, a intolerância do mundo acadêmico em conviver cotidianamente com a diversidade de pensamentos; e por último, a limitação de pessoas, devidamente tituladas, em questionar epistemologicamente sua própria ciência quanto à produção de invisibilidade de vários grupos sociais.

Além das mulheres, negras, indígenas e homossexuais, entre outros vários grupos, são, praticamente, ausentes do mundo da Geografia brasileira. Com todas essas considerações, a autora evidencia que é necessário criar uma Geografia mais inclusiva, fazendo-se necessárias as discussões de Gênero em seu meio, sendo essas que marcam nossas vidas cotidianamente. Para isso, Silva (2014) assegura que

Aprendi que o sentimento de indignação pode ser potencialmente criador. Então, passei a ampliar meus argumentos sobre a importância da análise de

gênero na Geografia. De um lado, para me fortalecer frente às críticas e me manter firme na trajetória escolhida frente a todas as resistências do campo científico, por outro, para enriquecer o campo geográfico do qual faço parte e tornar minha prática profissional também uma luta política no sentido de minimizar as assimetrias sociais que atingem cotidianamente a vida das pessoas (SILVA, 2014, p. 98).

Dessa maneira, compreende-se que o espaço é o objeto de estudo da Geografia. Sendo assim, o mesmo é um campo de prática social e a sociedade é composta de homens e mulheres, logo, o Gênero é uma categoria relevante na análise do espaço. Não podemos esquecer que esse espaço social está dividido por classes sociais. No entanto, existe um padrão hegemônico nessa sociedade contemporânea que fomenta essa desigualdade deixando-a mais forte e desigual.

Este padrão que se estabelece na atual sociedade também é pautado nas relações de Gênero que hierarquiza e divide a sociedade entre “masculino e feminino”, “homem e mulher”, “lugares de homens e lugares de mulheres”, “brinquedos de meninas e brinquedos de meninos”, entre outros. Portanto, o estudo de Gênero é muito interessante para a Geografia, pois lida com homens e mulheres que estão inseridos na sociedade. Para entender essa vertente geográfica Silva (2014) afirma que

Saber o que é ou não tema passível de ser estudado pela Geografia depende da concepção de ciência que se estabelece por aquele@s que possuem o poder de ditar as regras do jogo científico. Para alguns, a Geografia possui um objeto próprio, já dado e construído. Para outros, a identidade da pesquisa com a Geografia se realiza a partir de uma pergunta que se faz à realidade, envolvendo categorias geográficas como espaço, lugar, paisagem, região, território e escala. Portanto, se todas as experiências vividas pelas pessoas possuem uma dimensão espacial e as pessoas experiência no mundo como seus corpos e seus corpos estão organizados socialmente pelo gênero, podemos afirmar que compreender as formas como homens e mulheres experienciam a vida e, por consequência, o espaço, é com toda a certeza profundamente geográfica. (SILVA, 2014, p. 98).

Então, de acordo com a autora a possibilidade de inserir a discussão de Gênero na ciência geográfica só é possível se formos capazes de pensar a Geografia em suas diferentes formas. É comum o esquecimento desse olhar crítico, voltado para as relações de Gênero na Geografia. Comumente, pensamos a Geografia na materialidade do espaço, ou seja, tudo aquilo que é físico, que podemos tocar e que conseguimos observar com maior facilidade. Como sabemos o espaço é dividido por classes e para ter clareza de como determinados grupos sociais expressam melhor sua espacialidade de forma mais expressiva. Silva (2014) assegura que



Os grupos que possuem maior facilidade de construir suas marcas no espaço, tornando essas marcas materialmente visíveis, são mais fáceis de serem percebidas pelos profissionais da Geografia. Os grupos que possuem menor poder econômico, político e cultural vivenciam o espaço, sem conseguir construir marcas tão expressivas. Nem por isso, os grupos de menor poder em expressar sua materialidade espacial, deixam de viver espacialmente. O caminho para compreender a espacialidade de grupos de menor poder é pensar que o espaço além da materialidade pode ser pensado a partir das relações diversas naturais. (SILVA, 2014, p. 99).

Dentre as contribuições dos (as) autores (as) estudadas como Silva (2014), Louro (1997), entre outros (as), compreende-se que é de suma importância estudar e analisar o espaço educativo, pois é colocado como o lugar das diferenças, e sendo assim é constituído por homens e mulheres que possuem vivências e culturas diferentes. De acordo com Silva (2014), é um espaço genérico que precisa ser pensado criticamente por aquelas pessoas que compartilham desse espaço escolar. A autora ainda diz que, estudar Gênero não é apenas para aprofundar a capacidade científica na Geografia, pautada nas relações sociais desta sociedade contemporânea. Estudar Gênero na Geografia vai muito mais além, é compreender o espaço em suas diferentes instâncias, levando sempre em consideração o homem e a mulher no tempo.

Silva (2014) faz um apelo para as construções dos conceitos exercidos na sociedade atual. No qual afirma que esses conceitos são de criações humanas que precisam ser analisados e repensados, pois deixa explícito que são criados por grupos sociais que excluem e rotulam as pessoas por não se encaixarem no padrão heteronormativo, ocultando os valores das mulheres, dos (as) negros (as), dos (as) homossexuais, entre outros grupos sociais.

Então, certifica-se que a Geografia, inerente ao Gênero, tem como função a busca por conceitos que façam com que esses grupos sociais, excluídos pelo patriarcado, tenham olhos voltados a seu favor, mostrando que mesmo sendo minoria, são constituídos por valores próprios assim como todos (as) que estão inseridos (as) na sociedade heteronormativa. Por isso, afirma que a Geografia hegemônica é marcada por privilégios de sexo, de raça e características que dificultaram a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, dos (as) não brancos (as) e dos (as) que não se encaixam na ordem heterossexual dominante. (SILVA, 2014).

A Geografia como ciência busca romper com essas perspectivas consolidadas pelo sistema capitalista, trazendo para o meio social um olhar amplo de ver o espaço e novas perspectivas de entender a sociedade. Para isso, ressalta que

A Geografia hegemônica tem sido tensionada pelos movimentos sociais que criticam sua incapacidade de construir versões plurais da realidade. Eles reivindicam uma ciência que seja capaz de construir a visibilidade de suas espacialidades. É nesse sentido que nasce a perspectiva de gênero na

Geografia a fim de produzir uma ciência de trazer novas perspectivas espacial (SILVA, 2014, p.102).

Silva (2014) entende que o Gênero é construído socialmente no qual coloca sobre nós a questão dos papéis, separando o que é de homem e o que é de mulher. A Geografia nessa situação tem como compromisso fazer uma análise espacial e temporal das relações sociais que, por essência, são ligadas aos corpos. E sendo assim, essas relações ocupam o espaço que é objeto de estudo da Geografia. Nesta ciência, a perspectiva de Gênero é voltada para luta de classes, então evidencia que as análises de Gênero trazem novos desafios para compreender as diferenças espaciais.

Através da leitura e reflexão sobre a obra de Silva (2014), nas entrelinhas, fala sobre a importância de inserir a discussão de Gênero nas aulas de Geografia nas escolas iniciais, não somente, mas é no ensino básico que nos norteia durante a caminhada, nos preparando para melhor compreensão futura. Silva (2014) evidenciou

A necessidade da inserção do gênero como um elemento de composição das relações entre sociedade e espaço. Além de apresentar as demandas de compreensão que são fenômenos contemporâneos estão a exigir da ciência geográfica, trouxe um desafio para educadores da Geografia, que é pensar a escola em que atua como espaço geográfico do qual, docentes e discentes são responsáveis pela sua produção. As atividades didáticas propostas são ações de subversão à ordem da Geografia hegemônica que ainda insiste em negligenciar grupos de menos poder de suas análises. O papel dos (as) professores (as), contudo, é aquele que incita aprendizes a ousar a dar um passo além de cômoda e triste situação de passividade em torno daquilo que já é legitimado no campo científico geográfico (SILVA, 2014, p. 122).

Então, Silva (2014) deixa claro que o estudo de Gênero para a Geografia é de suma importância, não podendo ser negado. Devemos sempre buscar a inserção da categoria de Gênero no ensino de Geografia, evidenciando um ensino para além do capital, um estudo que nos ensina a respeitar cada ser em sua diferença. A Geografia lida com o social e o Gênero é pertencente ao homem e a mulher, ambos inseridos (as) numa sociedade desigual, perversa e conservadora.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Compreende-se que estudar, analisar e entender o que vem ser homofobia é você se colocar contra o sistema hegemônico que rege na sociedade. Entende-se como homofobia a agressão, a opressão, a subordinação, a discriminação e violência contra pessoas que sentem atração por pessoas do mesmo sexo. O preconceito está presente em todos os espaços na rua,

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

na casa, num campo de futebol, num bar e até mesmo no espaço educativo conhecido como o lugar das diferenças. No mundo acadêmico o espaço da homosociabilidade é restrito, pois a heterossexualidade domina-o segregando as pessoas de forma que o preconceito se materialize de forma árdua e dolorosa.

Entretanto, a pesquisa em questão identificou os efeitos decorrentes ao preconceito contra os homossexuais, mesmo diante de iniciativas sociais, a discriminação e a intolerância contra esse grupo minoritário ainda existe em todos os lugares, sendo elas refletidas em ações homofóbicas em barreiras no tocante a dificuldade de relacionamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que é de suma importância inserir a discussão de Gênero e sexualidade na academia, sobretudo na Geografia, uma vez que o Gênero é uma construção social que separa os indivíduos provocando a desigualdade entre os mesmos. O termo Gênero foi criado pelos grupos feministas que visam romper com a subordinação e opressão contra as mulheres e contra todas as identidades de Gênero que se contrapõe a heterossexualidade. Para entender essa problemática é necessário analisar o cotidiano das pessoas e como elas estão inseridas no espaço, pois este é delimitado pelo Gênero que está pautado nas relações de poder, sendo assim, compreende-se que o mesmo é um forte contribuinte para deixar a sociedade mais perversa e desigual.

Moreira (2009), afirma que o espaço é conflituoso devido a grande diferença social que se estabelece na sociedade contemporânea, basta que saibamos que no espaço habitam diversas pessoas com personalidades diferentes, posturas diferentes em suas diferentes facções, e nesse viés entende-se que o mundo é tomado pela diversidade e cabe a cada ser respeitar cada indivíduo em sua diferença. É importante trazer a discussão de Gênero para Geografia uma vez que falamos de homens e mulheres que estão inseridos na sociedade, e a Geografia se dedica ao entendimento do espaço, produzido por relações sociais, ou seja, políticas, econômicas, culturais, ambientais e entre outras.

## REFERÊNCIAS

Butler, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2. ed, 2008.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MOREIRA, R. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1988. 113 p.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2009. 192 p.

LOURO, L. G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1997. 184 p.

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978. 288 p.

SAQUET, M. A. O desenvolvimento territorial como práxis para a transformação social (palestra na FECILCAM). 2010

SILVA, M. J. **Ensino de Geografia**: novos temas para Geografia escolar. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. 127 p.

SOUZA, M. **Os conceitos fundamentais socioespaciais**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil 2013. 320 p.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**. São Paulo, ano 9, 2001. p. 460-482